

REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS PROPOSTAS ALFABETIZADORAS DISCURSIVAS EM SALA DE AULA

Simone Werneck Matias¹

8 - Alfabetização e modos de aprender e ensinar

Resumo: Neste artigo, o intuito mais amplo é o de pensar sobre o meu fazer pedagógico focalizado especialmente nas minhas práticas alfabetizadoras propostas aos meus alunos em sala de aula. As relações de ensino se ressignificam diariamente e impactam nos aprendizados e nas singulares formações deles. Pretendo, assim, indagar neste estudo: De que podem ser tecidas as interações e as práticas que respaldam a afirmação de que promovo com meu trabalho uma alfabetização discursiva? Refiro-me a algumas das práticas que cito, como a organização em grupos, as rodas de conversa, as escritas, os projetos e a divulgação dos trabalhos. Todas estas práticas são realizadas desde o primeiro ano de escolaridade com os alunos de alfabetização, mesmo antes de terem uma classificação convencional de alfabetizados. As propostas variam entre o coletivo e o individual, evidenciando sempre os muitos momentos de troca, de escuta e de responsividade entre os alunos e a professora.

Palavras-chaves: Práticas pedagógicas discursivas; alfabetização com leitura; escrita.

“Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.”

Paulo Freire

Introdução

Sou professora. Quantos sentimentos carrego quando pronuncio ou escrevo estas duas palavras iniciais!... Talvez quem as escute ou leia não tenha tanta clareza do que estou enunciando, quando as pronuncio. Neste percurso de mais de vinte anos de estrada, me pergunto muitas vezes, quantos alunos já passaram por mim, por minhas aulas, por minha vida? Que marcas deixei? Que caminhos percorri, até chegar a esse ponto? Pensar o meu fazer docente remete a lembranças extremamente importantes para minha mudança como professora e ser humano.

¹ Pós-Graduada em Educação: Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica pela UFRJ. Professora da Educação Básica do Município do Rio de Janeiro. Contato: simone78werneck@gmail.com

Nesse caminho trilhado, muitos foram os professores que me formaram. Enquanto docente, ainda tenho formadores. Olhar para os pares e aprender com eles, um ou outro fazer pedagógico, numa fala cúmplice, esse é o maior aprendizado de minha profissão. Ver-me inacabada diariamente, perceber que estou sempre aprendendo com o outro. É um orgulho poder compartilhar o saber com o outro, escolher as práticas que são melhores, no meu entender, e as que não são também. Pensar o porquê de identificar algumas práticas interessantes e outras não.

Foram escolhas que fiz, que se moldaram e se moldam ainda nas leituras, que sugerem a formação em completude com o sujeito. Daquele que é autor da sua própria história, que valoriza sua vivência, que traz consigo os conhecimentos aprendidos pela vida. Esse sujeito que vejo diariamente em sala de aula, inacabado em seu conhecimento, e repleto de discurso. Acredito que foi por perceber o aluno dessa forma que não consegui compactuar com um trabalho alfabetizador de nulidade, que não percebe o aluno, que só analisa a decodificação.

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente. (FREIRE, 1996, p.55)

No processo de formação pessoal, percebo uma grande movimentação interna, em busca do encontro de um lugar para a discursividade na alfabetização. Há um nicho muito restrito ainda, que discute o discurso em sala de aula, poucos relatos de práticas e poucas experiências que mostram o processo, de forma mais ampla e contextualizada. Os enfoques parecem se circunscrever aos materiais físicos e humanos necessários para lidarmos com toda a diversidade que encontramos na escola. Estamos ainda tateando...

O fato de pensar sobre aquilo que faço, os “porquês” do que faço e os “comos” o faço, me traz mais segurança em fazê-lo e um comprometimento com que dê certo. Não se trata para mim só de palavras e conceitos escritos por este ou aquele autor; mas de realmente compartilhar desses conhecimentos e acreditar que são eles que fazem a diferença no meu dia a dia. Bakhtin é um desses autores que busco para o meu processo de alfabetização em turmas e seus conceitos de enunciado, gênero, interlocução, alteridade, intertextualidade, discurso, dialogismo têm me instigado. Quero compreendê-los cada vez melhor, para endossar/aprofundar o meu processo de formação e de formadora. Os escritos de Freire também são parte integrante desse amadurecimento profissional e desse olhar atencioso ao educando e sua aprendizagem, esse respeito que devemos ter com o outro.

Percebo a discursividade nos meus fazeres diários em sala de aula, nas propostas de trabalho, no *desEnvolvimento* dos alunos em seus processos de alfabetização, mas há uma necessidade em mim pela busca do novo, do desconhecido, do não entendido. Há de se ter o entrelace das práticas com a necessidade pelo aprendizado. Penso que o caminho que todo professor toma é o da pesquisa, de investigar a melhor maneira de se aproximar do aluno e do conhecimento.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 96)

Trabalho na Prefeitura do Rio de Janeiro, desde 1999. Comecei com uma turma de Educação Infantil e depois parti para turmas de alfabetização. Desde então, esse é o percurso que tenho trilhado dentro do município. No início, nem pensava que podia ser capaz de alfabetizar um aluno, quanto mais uma turma inteira. A certeza de que não seria capaz e competente para tal trabalho, se esvaiu por terra no primeiro momento que vi um aluno ler.

Aquele momento mágico em que o aluno se vê leitor, produtor de texto, capaz de se fazer entender através do escrito, do falado e do lido, acredito ser a melhor sensação de um professor alfabetizador, pois é neste instante que ele passa a saber que através das suas práticas diárias, seus alunos se tornam leitores e produtores de histórias reais.

Estar com turmas de alfabetização é um desafio constante, é como se desafiar a cada dia para várias conquistas de novos leitores, novos produtores de textos, novas articulações, novos pensamentos, novas críticas. É um mundo de encantamento e aprendizado que requer muito esforço de todos os envolvidos, requer persistência, atenção, amorosidade.

Hoje percebo que a minha recusa inicial em experimentar e vivenciar o trabalho com a alfabetização estava pautado na insegurança e na falta de conhecimento do que e como fazer em sala de aula. Em minha formação de Curso Normal, não havia práticas alfabetizadoras em que eu pudesse acreditar. Estudamos, naquela época, os métodos de alfabetização já existentes, “as receitas”, que em sua maioria mostravam as técnicas para aquele modelo. Não me contaram a verdade, fui aprendê-la dentro da sala com meus alunos, que é no movimento diário que você fomenta o trabalho alfabetizador, com as práticas em que você acredita e que se respaldam em teorias que vão ao encontro do que você pensa.

As “receitas” não são seguidas fielmente, nem nas cozinhas! E olha que não estamos falando somente dos ingredientes... pois o fato é que cada cozinheiro ou cozinheira é capaz

de dar o seu toque, modificar um ingrediente, diminuir ou aumentar a quantidade. Como então querer comparar pessoas? Elas com suas infinitas particularidades e delinear turmas como se fossem iguais, como se pudessem sempre fazer do mesmo jeito, aprender de jeito igual, explicar na mesma medida? São comparações distantes e distintas, a alfabetização não tem um modelo a se seguir, é claro que para cada professor existem práticas que se emolduram de acordo com o grupo, com suas idealizações, e que facilitam o trabalho; mas nunca serão iguais, porque estamos sempre num movimento de mudança e crescimento pessoal.

Esse trabalho vem retratar um pouco dessas práticas enriquecedoras para o trabalho de alfabetização, que se tornaram muito produtivas para os alunos e foram se resignificando a cada ano em que eu estava à frente de um novo grupo, em que eu também era mais uma vez uma nova professora. Estou sempre aprendendo com os alunos, podemos mudar sempre, inovar, fazer diferente, o meu inacabamento se faz presente diariamente em sala de aula.

Nos tópicos seguintes, trato das experiências que tenho tido e desenvolvido com as turmas de alfabetização na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. São eventos de extrema importância para o meu fazer pedagógico, que guiam minhas ações e dão suporte ao desenvolvimento do trabalho discursivo em sala de aula. Ressaltada a importância que a ação do meu aluno tem nesse processo, há um envolvimento de ambos os lados, cada um aproveitando tudo o que é possível para desencadear um processo transformador de atos e concepções.

1 - Práticas Docentes

Destaco cinco práticas recorrentes no movimento pedagógico de alfabetização que realizo e ressaltam a oralidade, a escrita, o discurso e a produção dos alunos em sala de aula. São práticas que dão suporte a este trabalho alfabetizador que giram em torno da organização de grupos, rodas de conversa, práticas de escrita, elaboração de projetos e apresentação e divulgação dos trabalhos.

O primeiro evento que sinalizo é a organização em grupos, que se faz presente em todo o tempo desse processo dos três primeiros anos do ensino fundamental. Essa forma de organização, ainda não é muito comum no município em que eu atuo, muitos professores ainda têm resistência em formar grupos em sala de aula, evidenciando o ponto negativo de deixar os alunos mais “agitados”. Porém minha experiência mostra que esse tipo de organização sempre favorece mais do que dificulta. Percebo muitos pontos positivos, pois os alunos se fortalecem em suas ações de respeito, de atenção, de amizade e de crescimento como grupo, além de favorecer a oralidade, a leitura e a escrita.

A sala de aula é organizada em grupos de estudo, sua disposição espacial já

naturalmente se apresenta assim para as crianças, de modo que se torna uma forma naturalizada, inclusive para aqueles que chegam à turma já composta e a este movimento se adéquam facilmente.

A literatura é abordada diariamente, pois é entendida como essencial para o desenvolvimento pessoal. Está contemplada em todos os anos de escolaridade e tem lugar privilegiado dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, o segundo evento a ser destacado são as rodas de conversa que, mais do que apenas um momento de fazer a rotina diária, é também um momento de troca de experiências, de aproximação com a fala do outro, de partilha de conhecimentos e no qual a literatura está sempre contemplada.

A roda é proposta aqui porque realmente percebo a importância da literatura no processo de vida do ser humano. Com a literatura, o aluno pode vivenciar importantes experiências sociais, emocionais e culturais e transformá-las em conhecimento de vida. Assim, não é proposta aqui que seja entendida como momento de encantamento e fantasia apenas, a roda literária é um espaço singular de conquista do momento de fala e de escuta e se encaminha pela oralidade dos falantes que ali estão, pela voz dos autores e de suas escritas e também pela plasticidade percebida em cada obra escolhida.

O terceiro evento a ser destacado, são as práticas de escritas, que são possibilitadas ora coletivamente, ora individualmente. Os alunos são desafiados a escrever o que pensam desde o primeiro ano. As propostas são realizadas de acordo com o que estamos estudando naquele momento. É muito propício pedir que os alunos escrevam sobre suas curiosidades, seus interesses, ou seja, escrever sobre aquilo que lhe afeta. Faz muito mais sentido do que pedir inúmeras redações, ditados, exercícios de frases que não agregam ao conhecimento nem à capacidade discursiva do aluno. Dar sentido de fato ao que é escrito, que será lido por outro (s), o texto, as ideias devem ser compartilhadas entre outros interlocutores, isso é próprio e natural de uma língua viva e pulsante.

As práticas de escrita também oscilam entre o individual e o coletivo, movimento que está sempre se desdobrando nos percursos que os alunos vão redesenhando. As trocas acontecem naturalmente, pois eles estão acostumados a trocar conhecimentos e se ajudar mutuamente. Nestes momentos de escrita, que são percebidos como eventos de aprendizagem, de pensamento e troca não há brecha para o medo invadir, da reprovação do que está sendo produzido. Estimula-se a produção natural, espontânea e autêntica, pois é através dessa escrita “imperfeita”, inicial, que chegaremos a uma que seja próxima do que se queira escrever.

O trabalho com projetos é o quarto evento aqui ressaltado, norteador de minha busca incansável por algo que saia da normatização dos livros didáticos, de materiais complementares ou qualquer outro material estruturado, pronto, acabado e distante da

realidade vivida em sala pelos alunos. O intuito é criar o próprio material de estudo e aprendizado, através de um tema que interesse a todo o grupo, do qual os alunos verdadeiramente façam parte de sua organização, pesquisa e estudo. Os projetos que são desenvolvidos estão relacionados com as nossas rodas de conversas e à escuta atenta e aos interesses que são enunciados pelos alunos. Decidido no coletivo qual será nosso tema, entramos por um caminho de pesquisa de matérias que possam auxiliar na construção de diversos textos paralelos ao tema e que constituam ao final do estudo esse intenso e valoroso aprendizado.

O intuito de criar o próprio material em que os alunos verdadeiramente façam parte de sua organização, pesquisa e estudo, vêm do fato de ser e de se fazer pertencente do seu conhecimento, apropriar-se do estudo como uma conquista real em nosso ambiente escolar.

O último item destacado escrevo sobre a divulgação que realizamos em nossa parceria diária, desse conhecimento trabalhado, investigado e produzido genuinamente em sala de aula que se acrescenta com os conhecimentos prévios dos alunos e ainda são agregados com as vozes de seus pares, de suas pesquisas e descobertas e também de suas dúvidas, incertezas e incompletudes, que vão surgindo no processo e também enriquecem as descobertas e aprendizagens. Este é o momento de mostrarão outro, as ideias que foram desenvolvidas. É como dar um presente já desembulhado, nu e cru, o real do trabalho que é recheado de conhecimento trocado, aprendido, experimentado e vivenciado. Sem pacote de presente, sem embalagem atrativa, caprichando-se num belo embrulho, sem que o conteúdo seja tão atrativo ...

A forma como essa divulgação acontecerá não é o mais importante, visto que cada turma tem a sua peculiaridade, no momento de mostrar os seus trabalhos. O que mais importa para os alunos, é a realização consciente que eles têm de que o que é escrito, produzido e aprendido em sala pode ser compartilhado com outros, além da sala de aula. Que o conhecimento tem valor e deve ser espalhado. Todos nós somos produtores de conhecimento e estamos em constante movimento de aprendizagem.

São propostas norteadoras do meu trabalho que vêm contribuindo cada vez mais para que eu enxergue o outro, meu outro aluno, o mais próximo possível do que deseja ser. Todo esse processo, envolve busca, inquietação, imprevisibilidade, sentimentos que por vezes, geram insegurança e desequilíbrio, mas logo são compensados pelo retorno vindo do grupo, pelo comprometimento, pela segurança percebida nos alunos, sua postura como estudantes e em seus modos particulares e únicos de falar e ouvir.

Quando paro para pensar sobre a imprevisibilidade na sala de aula, constato que não se trata de falta de planejamento de ações ou atitudes que possam gerar bagunça e desorganização, mas sim, que são momentos em que percebemos a vida acontecer, como

de fato é, com mudanças, com diferenças e inquietudes. Assim como na vida, a sala de aula está cheia de pensamentos diferenciados e como um espaço de descoberta e conhecimento, devemos possibilitar e favorecer a escuta desses pensamentos e descobertas.

1.1 - Organização em Grupos

Há muito tempo tenho o firme convencimento de que as atividades propostas em grupo são um ponto alto no meu trabalho. Também utilizo muitas outras formas de organização da sala, sejam em duplas, individuais, trios, mas a menina dos olhos para mim, que acredito se coadunar fortemente com uma perspectiva discursiva. é a organização dos grupos, que prioriza a coletividade e oferece maiores condições para acontecerem as interações e interlocuções em sala de aula.

Reitero minha observação de que as trocas entre os alunos são positivas, mesmo que em alguns momentos, muitos, provoquem faíscas e eu tenha que apaziguar ânimos um pouco alterados. É normal eles não terem jogo de cintura para conversar entre si, expor suas ideias, e acharem que podem resolver com briga e imposição. Isso também faz parte do processo de aprendizagem de convivência em grupo. Porém, minha experiência mostra que quanto mais forem expostos a esse tipo de trabalho, mais se tornarão hábeis em dialogar e apresentar suas ideias ao outro. Bakhtin (2016) relata que:

Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (p.29-30)

A organização da sala de aula em grupos, mostra a todos e cada um, à turma toda, que todos estão propensos para ouvir. Se não sabem se escutar ao chegar à escola, ainda e sempre é tempo e podem aprender. Não basta se organizar em grupos para se aprender, trata-se de uma aprendizagem discursiva, a vez de falar e ser ouvido, da vez de ouvir e responder, concordando, discordando, continuando... Estarem organizados em grupo não é suficiente, sem o propósito de ouvir e aprender com o outro. As formações de grupos são feitas logo no primeiro ano do ensino fundamental, tão logo chegam à escola, de modo que já se familiarizam com essa disposição em sala e aprendem no contato diário que o que o outro tem a dizer é importante para o meu aprendizado e o que eu tenho a dizer é importante para o aprendizado do outro. É uma frase simples, mas está repleta de complexidade se pensarmos que estamos falando de crianças com apenas 6 anos de idade.

Aprendem com a organização do grupo, aprendem que todos contribuem para o

grupo, todos são importantes para a realização das propostas, assim como nas práticas coletivas de trabalho realizadas nos grupos e apresentadas aos outros da turma, todos têm participação ativa no aprendizado. Nos trabalhos propostos e realizados, tenho o hábito de garantir que cada grupo apresente aos outros grupos o seu estudo, de forma a que possam compartilhar as suas descobertas e aprender na troca com os outros. Os alunos levam seu material produzido no coletivo e apresentam na frente da sala. No começo, é sempre difícil, pois mudo minha posição, e saio do centro das atenções, colocando-os em cena, no papel principal. Para os alunos que são mais envergonhados, se torna um exercício desafiador de exposição do seu trabalho e para os que são mais expansivos, aprendem que todos precisam desenvolver essa fala. Bortolotto (2001) destaca que:

A significação linguística é um efeito interlocutivo resultante das situações de intercâmbio social. Confere-se à linguagem um caráter essencialmente dialógico; o conceito de diálogo extrapola o limite da simples "alternância de vozes", indo à ideia de confronto de vozes situadas em tempo e lugar sócio- historicamente determinados. Constituído no e pelo social e, como tal, pelo complexo enredamento da dialogia, o sujeito integra-se a ele e, interpretando, por ele é também interpretado. (p. 5)

Esse material produzido sempre vem de uma necessidade da turma, da escola ou minha, e é realizado de maneiras distintas em cada grupo. Em alguns momentos os alunos podem produzir cartazes para colocar pela escola sobre a questão da higiene, da água ou qualquer outro assunto que tenha surgido ou esteja sendo estudado em sala. Eles podem produzir paródias ou cantigas de roda para serem cantadas para as outras turmas e apresentar uma história que o grupo tenha criado em sala de aula.

Eles aprendem que o que produzem em sala de aula é para ser apresentado e visto por outros. Geralmente, fazemos exposições desses trabalhos fora da sala de aula e sempre digo que primeiro têm que mostrar o trabalho para os que estão mais próximos, a fim de ouvir as críticas e os elogios e de compartilhar o conhecimento aprendido.

Há um favorecimento na escuta atenta e na responsividade; ou seja, no compromisso em ouvir e responder à fala do outro. Os alunos são disciplinados a prestar atenção, a pensar sobre a voz do outro, a disciplina aqui é vista como positiva, não quero alunos amedrontados e pacíficos perante a fala do outro e sim alunos que pensam e elaboram novos conceitos ouvindo o outro e ouvindo a si. Bakhtin (2016) afirma que:

A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real e em voz alta. (p.25)

Essa postura atenta faz com que os alunos se comprometam com a fala do outro e tenham uma atitude responsiva. O dialogismo nas interações cotidianas se encontra de muitas formas e essa prática feita rotineiramente é uma delas. É preciso ter escuta à fala do outro,

para que se tenha a responsividade real.

Percebo nos alunos uma maturidade para que essa escuta seja favorecida, mas também não acontece de um momento para o outro, é um caminhar que se faz diariamente e que é trilhado através de propostas discursivas que se estabelecem em sala de aula. Os alunos são instigados a perguntar, a ser curiosos, a falar o que pensam e, dessa forma, desenvolvem em si a vontade de ensinar ao outro e a aprender com o outro.

É na coletividade das propostas diárias que os alunos aprendem a trocar suas experiências e desenvolvem atitudes coletivas de respeito e admiração. Os processos de convivência não fluem sempre de maneira positiva, porém, nos momentos de caos, há movimento, há diálogo, pois, a turma se fortalece.

O trabalho com o discursivo favorece o respeito ao outro, pois tudo é conversado e explicado em sala de aula, quanto mais se acostumam com essa forma de abordagem, mais independentes são, mais livres se tornam suas ações em busca intensa de falar, ouvir, aprender, trocar, ler e escrever.

1.2 - Rodas de Conversa

Observo nas rodas de conversa, que são feitas diariamente, uma disposição maior para que o grupo todo fique mais próximo ainda do corpo e da fala. Percebo por muitas vezes, alunos silenciando sua fala na roda e quando digo para continuarem, esses mesmos alunos retrucam sobre a dificuldade de falar com o outro colega está falando junto, ou cochichando. Eles querem que o outro ouça, conversamos sempre sobre o respeito à fala do outro. Bakhtin (2016) escreve:

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o *dixi* percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu sua fala. (p.29).

Quantas trocas acontecem nesse momento de roda, é nele que faço todo o acolhimento inicial, a chamada, conversamos sobre o que está nos preocupando, algo importante que aconteceu, elaboramos a rotina do dia e principalmente, realizamos a leitura literária diariamente.

Tenho em minha lembrança que em algumas rodas que fiz, chegava com o livro para

ser lido, definido por mim, até que comecei a perceber a inquietude de alguns alunos. Percebi que eu também precisava ouvi-los. Precisamos pensar sobre isso e parar de colocar o aluno em xeque, as ações que desejamos para os alunos, esse movimento de mudança deve vir primeiro do professor. Por que a decisão final tinha que ser sempre minha? São pontuações e pensamentos como esse que fazem com que minha prática se modifique e atenda às expectativas e curiosidades dos alunos. Nas rodas de hoje, trago um leque de possibilidades de leituras para aquela semana, em conjunto decidem o que querem ouvir e dizem seus motivos. Não é essa diversidade que propago com minhas ações em sala de aula? Quando digo a eles que precisam se ouvir, também devo dizer a mim mesma que preciso ouvi-los.

Em alguns momentos me pedem para ler um livro já lido. E por que não? Já tive turmas que gostaram tanto da biografia de um autor que queriam ouvir, ver e ler todos os livros escritos por ele; o mesmo também aconteceu com alguns ilustradores, percebiam a forma do desenho, o tipo de personagens e identificavam a marca própria de cada um. Se apropriavam e se apropriam desse conhecimento, porque se embrenham nas observações apontadas, nas marcas de escrita e nas sutilezas próprias de cada um. Então, íamos até a sala de leitura para ver se havia na escola, aqueles outros exemplares, aquela coleção específica. A paixão de se tornar leitor, de admirar o outro pela sua palavra, pelo encantamento do que o outro tem a dizer.

Cada turma faz uma conexão diferente e cria uma relação particular com as rodas de leitura e o professor, tem que estar atento a essas particularidades, para não cair na mesmice de sempre ler a sua própria preferência, o que acha interessante, o que concebe como importante. Todo o leitor tem sua predileção literária, mas o professor tem a obrigação de oportunizar a multiplicidade e variedade aos alunos.

A literatura é justamente o movimento de busca, não só a do professor como também do aluno. Lembro que há pouco tempo coloquei uma caixa de histórias na sala de aula e alguns livros eu não conhecia. Um em especial chamado: Charles na escola de dragões, os alunos ficaram encantados com o título, mas perceberam que era uma história longa e pediram para eu contar. Logo falei que não conhecia aquela história e que levaria para casa para ler e no dia seguinte contaria. Eles indignados disseram: *“conta mesmo sem saber e aí todo mundo vai descobrir a história junto”*. Fiquei encantada com a fala desse aluno e contei, confesso que no início não me senti à vontade, gosto de saber o que vou contar, gosto de dar a entonação da voz na fala dos personagens de maneira adequada; mas não me arrependi pois sempre tem um livro que você lê pela primeira vez e não sabe se vai gostar ou não da história. O fato é que havia um grande interesse pois existe um jogo chamado escola de dragões e isso foi o que mais chamou atenção deles.

O tempo e a experiência me mostraram a importância de marcar encontros com os

alunos na sala de leitura. Separo com eles os livros já lidos e vamos até lá, para devolver e pegar outros. É naquele espaço, que decidimos juntos o que levar, às vezes pego um da minha preferência e falo que temos que levar ou pego os que não conheço para conhecer. Eles também escolhem, quando ficam maiores se reportam a livros que contei no ano anterior e falam: *“leva pra contar de novo”*. Fazemos daquele momento uma experiência de apropriação real do material escolar, nossa fonte de conhecimento diário.

A roda de conversa cria um vínculo dialógico entre os alunos e o professor torna-se um momento tão valioso para ambos, que quando temos que resolver algo importante para todo o coletivo é lá que fazemos. É um elo significativo para a nossa parceria diária, constituída de palavras, atitudes e silêncios. Dentro e fora da sala, percebo esse movimento. A questão aparece, os alunos se aglutinam para conversar. Há um fortalecimento da escuta do outro na solução de problemas, na chegada de um consenso, na tomada de decisões para o coletivo.

A participação ativa dos alunos no cotidiano escolar, cria mais sentido para estar na escola. A aprendizagem torna-se realmente significativa para os que estão ali, existe um objetivo e não é só do professor, mas do aluno também.

Na roda de conversa forma-se um vínculo entre os alunos e o professor torna-se um momento tão importante para ambos, que quando temos que resolver algo importante para todo o coletivo é lá que fazemos. Dentro e fora da sala, percebo esse movimento. A questão aparece, os alunos se aglutinam para conversar. Há um fortalecimento da escuta do outro na solução de problemas, na chegada de um consenso, na tomada de decisões para o coletivo.

1.3 – Escrita

Penso que o processo de escrita pode acontecer desde o primeiro ano de escolaridade, não importa a idade. Nós temos sempre que oferecer aos alunos o lápis e o papel, que eles saibam tão logo o poder que tem a escrita e que tenha fome desse aprendizado. É claro que no começo, quando ainda tem seis anos, os alunos apresentam medo do não saber, medo do erro.

Infelizmente esse padrão normativo do certo e errado, já pode ser percebido nas crianças desde muito cedo, assim como a não autorização da escrita para aqueles que ainda não são considerados leitores ou alfabetizados. Acabar ou pelo menos minimizar esse medo é um processo gradativo que vai sendo delineado através das interações coletivas, da exploração da oralidade e nos mergulhos nas práticas de escrita que são propostas

rotineiramente em sala de aula.

Com as trocas ocorridas nos grupos e nas relações que se formam, vai acontecendo uma naturalização nesse processo de escrita. No início aposto bastante nas escritas coletivas, onde eu sou a escriba de toda a turma, com o passar do tempo, aos poucos, começo a investir e propor as escritas coletivas dos grupos. A composição por grupos garante maior segurança aos alunos temerosos. Eles percebem que todos ajudam nesse processo.

A permissão da escrita não se dá apenas pelo professor, é preciso que o aluno se veja produtor também. Não é um processo tão simples, alguns alunos das classes populares não têm esse “modelo” de escrita em outros espaços e sentem dificuldade de expressar o que sabem através da escrita.

A busca pela coletividade é parte importante nesse processo, é na possibilidade de ter a fala com o outro que os alunos podem reelaborar e ressignificar o seu pensamento. Cada aluno tem o seu desenvolvimento e procuro estar sempre atenta para auxiliar os que tem mais facilidade e incentivar os que apresentam mais resistência. Não é um processo simples, mas com práticas diárias de leitura e escrita, os alunos aprendem a valorizar o próprio conhecimento. Bortolotto (2001) ressalta que:

O processo que leva à produção textual pode então ser investigado como revelador de relações sociais, linguísticas e cognitivas, numa comunidade discursiva específica, que segue um determinado ritual (p.3)

Costumo dizer a eles que todo mundo tem algo que pode ensinar, assim como todo mundo sempre tem algo a aprender. É sempre uma troca justa. Com base nessa troca que estabelecemos nossas relações próximas de possibilidades de escritas e de parcerias multifacetadas desenvolvidas diariamente em sala de aula.

Nesse processo de escrita, busco diferentes gêneros textuais, para que percebam essa diferença na escrita, o seu uso, o que é apropriado para cada um. É um conhecimento importante para quem está sempre colocado à frente da escrita, esses conhecimentos trabalhados e vivenciados na escola, criam um estofo de conhecimento que darão ao(s) aluno(s) a segurança de escrever cada vez melhor. Se o aluno sabe qual é a proposta, qual é o fim, terá maiores condições de colocar no papel aquilo que deseja.

O saber compartilhado não é só do professor, mas de todos que ali estão envolvidos no processo de aprendizagem. Isso tem que ficar claro desde o início para todos os alunos, todos estão em processo de troca, todos se ajudam, todos são capazes de produzir o seu próprio texto. Desafiá-los a escrever o que podem naquele momento, com o conhecimento que tem.

A valorização do conhecimento acontece através da oralidade e depois passa para

a escrita. O aluno elabora o seu pensamento, verbaliza aos outros suas ideias e depois vai para a tarefa de escrever. É um processo mais demorado, no início, mas que facilita a elaboração da escrita.

Para o adulto é uma grande dificuldade escrever do nada, imagina então para uma criança. O processo de escrita exige uma elaboração maior, porque além de organizar o seu pensamento, é preciso organizar sua escrita, escolher as palavras, decidir as letras, o formato. A oralização permite uma fala mais fluida compatível ao cotidiano, diferente da escrita que tem seus componentes apropriados a cada registro realizado. Contudo, apesar desse desafio, percebo o quanto é importante propiciar esses momentos de escritas coletivas e individuais para garantir uma alfabetização discursiva.

1.4 – Projetos

O trabalho com projetos também é estruturado em práticas coletivas e individuais, em cooperação, com respeito à oralidade, ao desenvolvimento da escrita e da leitura, oportunizando aos alunos a melhor maneira de expressar suas ideias e perguntar para sanar dúvidas. Sabendo que a alfabetização faz parte de um processo de vida, na qual os sujeitos envolvidos se tornam parte do mesmo e contribuem com seus conhecimentos, suas vivências e seus pensamentos.

Aprendi que as práticas são importantes, que o conhecimento do fazer pedagógico também é; mas devemos respeito e atenção aos educandos, ao que falam, ao que sentem e ao desejo da aprendizagem.

Para tanto, os projetos são delineados de formas variadas, podendo surgir de um interesse da turma, de uma demanda da própria escola ou de fatos do cotidiano que se tornem relevantes naquele grupo. Os projetos nunca se desenvolvem de maneira igual, porque os sujeitos envolvidos são sempre diferentes e contribuem para a construção desse estudo de maneira diversa. Em acordo com Micotti (2009), quando aponta que:

Na perspectiva dos projetos, as aulas deixam de ser um mundo de faz de conta para constituir-se em encontro de subjetividades; mediante planos elaborados e executados em conjunto realizam-se intenções, e, nessas intenções, coletivamente propostas, encontram-se os propósitos individuais. (p. 38)

Mas sempre que algum projeto é desenvolvido, procuro conversar com os alunos para perceber os seus interesses e a melhor maneira de atrelá-los aos conteúdos anuais. O projeto não deve ser desvinculado dos conteúdos a serem trabalhados com a turma, ele se

torna parte daquele ano ou do período que é desenvolvido com os alunos. Acredito ser relevante mencionar tal fato, visto que ainda não está claro, para alguns, que o trabalho com projeto é uma outra possibilidade de trabalhar com os conteúdos de modo a interessar mais os alunos, além de possibilitar a eles uma busca maior pelo conhecimento, numa atividade de pesquisa que move com o interesse pessoal e coletivo.

Dessa forma ele é desenvolvido em períodos menores ou maiores de acordo com a forma que vai sendo construído e com ele pode-se criar uma variedade de material de estudo e de aprendizagem que se desenvolvem durante aquele período.

Em geral, ele é marcado com uma finalização em que se extrai algum material daquele trabalho desenvolvido, podendo ser apresentado através de peça teatral, jogral, a produção de um livro, uma apresentação oral, cartazes, exposição. A forma como isso acontecerá também é discutida em grupo, o dialogismo está sempre presente, fazendo com que todos participem ativamente na construção desse conhecimento. Bakhtin (2016), destaca que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (p.12).

Para tanto, é preciso que haja na turma, um senso de coletividade e de maturidade para perceber a importância desse projeto naquele grupo. É através da pesquisa, do estudo, da colaboração e do diálogo que se estabelece esse compromisso entre os alunos e os projetos elaborados. Claro que quando os alunos são ainda muito pequenos, eu sou responsável por subsidiar alguns recursos dessa pesquisa inicial e conforme crescem aumentam sua capacidade de organização, seleção e pesquisa.

Esse aprendizado de se tornar um pesquisador também é ensinado e aprendido, é um aprendizado compartilhado diariamente nas práticas de trocas realizadas nos pequenos grupos e na grande roda de conversa. Foi trabalhando com esse conceito, que fui me fazendo pesquisadora também, atenta ao que está acontecendo por fora da sala de aula. Rapidamente, os alunos se tornam hábeis em procurar informações, em trazer materiais que contribuem para o estudo em sala.

Há um entrelaçamento das práticas discursivas cotidianas para que esses movimentos de interação, dialogismo e pesquisa se desenvolvam naturalmente, são essas movimentações que ajudam os alunos em sua formação discente, que formam o aluno consciente do seu saber, capaz de produzir, de ter uma participação efetiva como produtor de conhecimento.

Não posso deixar de mencionar que nenhum trabalho é desenvolvido sem que haja

uma parceria direta com os responsáveis. Mostrar a eles, a importância do que está sendo investigado, estudado e contar com o apoio e participação dos mesmos nesse processo. Essa parceria é importante para a valorização do aprendizado do educando.

1.5 – Divulgação

O momento de divulgação dos trabalhos, geralmente é aguardado pelos alunos, visto que quando se organizam para a exposição ou apresentação deles, percebo maior preocupação dos mesmos, quanto ao formato da apresentação, querem apresentar o seu conhecimento de uma maneira bonita, diferenciada, querem receber elogios.

As divulgações são feitas de diversas maneiras, tudo depende do que foi acordado inicialmente pelo grupo, podem acontecer nos murais da escola, espalhados pelos corredores, em algum ambiente especificado. Tudo vai depender da proposta a que se destina aquela divulgação. Porém também é fato que nada é tão rígido que não possa ser modificado ou adequado a outra realidade, estamos sempre conversando sobre as propostas e fazendo os devidos encaminhamentos para sua realização, mas há por vez ou outra, alguns tropeços e dificuldades para a realização de algumas, então nesses momentos é necessária uma reformulação.

Sonhamos juntos, idealizamos apresentações, conversamos sempre e vamos em busca da realização. Nem sempre damos conta de tudo, precisamos por vezes das parcerias de outros professores, em relação à organização, ao tempo, à outras possibilidades e novas estratégias. O objetivo é concretizar de maneira satisfatória para os alunos e próxima ao desejável.

Esses movimentos de exibição do conhecimento são sempre conversados em sala de aula na roda de conversa. Quanto mais desafio os alunos, mas se sentem preparados para mostrar aquilo que estão aprendendo. Ficam tão envolvidos com os projetos desenvolvidos em sala que até esquecem aquele medo inicial, muito natural no ser humano, que é a exposição ao outro e a possível crítica ao trabalho. Mas o fato é que as devolutivas das outras turmas, professores e alunos, são sempre positivas.

O ápice de todo esse estudo, é o aluno perceber que o seu conhecimento é valorizado, o valor não só para ele, mas também para o outro. Por isso que essa divulgação é tão múltipla e enriquecedora, assim como também são múltiplas as ideias que desenvolvem para a divulgação desse conhecimento elaborado.

Não se trata, porém, de realizar um evento grandioso toda vez que o aluno expuser

o seu conhecimento ao outro, mas sim, buscar em todo o grupo a valorização pelo trabalho realizado, suas etapas de planejamento, estudo, apresentação e confecção de material. A vivacidade do que é aprendido e elaborado dentro do espaço escolar.

A escrita ganha um papel muito importante, pois tudo que é escrito pelo aluno tem valor, será lido por alguém. Parece simples, mas na realidade, não é. Quantas vezes percebemos uma escrita guardada entre gavetas, sequer percebida por pais, alunos e até professores. Os alunos sabem que tem algo a dizer, que é importante para o outro, que existe uma comunicação a ser realizada. Isso é um movimento trabalhado em todas as rodas de conversa, faz parte do trabalho pedagógico e faz parte do compromisso com a discursividade. Ter o que dizer ao outro.

Considerações Finais

O trabalho que venho realizando mostra o quanto é importante a discursividade em todos os anos escolares e principalmente nos anos iniciais da alfabetização para a formação do sujeito como parte ativa no seu processo de conhecimento. As trocas são essenciais para a formação desse sujeito integrado e conectado ao mundo, as experiências vivenciadas dentro e fora da escola é que compõe a ação desses sujeitos.

Alfabetizar discursivamente coloca o aluno numa posição diferente de como se entendia a educação e como se concebia a formação discente em bem pouco tempo atrás e infelizmente como ainda é percebida por alguns até os dias de hoje. Perceber o aluno como agente transformador do meio em que vive, potencializado de conhecimento que é reverberado em suas práticas sociais, um sujeito que se coloca como autor e produtor de conteúdo, que pensa sobre suas ações e é capaz de verbalizar com o outro aquilo que pensa e que essa verbalização produza um sentido real e potente.

Confesso que o meu desejo sempre foi e continua sendo o aprendizado de 100% dos alunos. Diriam os pessimistas que é um desejo otimista demais, mas digo que talvez não é o número da totalidade o mais importante; o que quero realmente é que meus alunos tenham oportunidades de se dizer e de se fazer entender. Esse aprendizado não é mensurável, aliás não pode sequer ser observado em sua completude.

Então qual a diferença do meu fazer na sala de aula, se o que faço escapa do meu controle? Quem disse que podemos controlar tudo o tempo todo? O tempo do controle foi outro, nem sei se era tão controlado assim. Como controlar pensamentos, atitudes naturais, reflexões; controle rígido à base do medo. Controle dos corpos imóveis, mas com mentes

efervescentes.

Pensar sobre os eventos aqui citados é como olhar para dentro de minhas ações rotineiras em sala de aula e perceber os pontos positivos que fui conquistando com minhas turmas de alfabetização. Quantas mudanças ocorreram nesses meus fazeres que se desdobraram em outras atitudes e provocaram em mim um pensamento mais profundo de minhas práticas em sala de aula.

O processo discursivo é humano não é padronizado. Aprendemos todos os dias, com a vida, com o(s) outro(s), com pares e ímpares, com a diversidade e ensinamos todos os dias na vida, ao(s) outro(s), aos nossos pares e ímpares, com a interlocução e com a diversidade. Sou incompleta e na minha incompletude, me alfabetizo e me formo cada dia mais como professora.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: editora 34, 2016.

BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (org.) **Leitura e escrita**: como aprender com êxito por meio da pedagogia de projetos. São Paulo: Contexto, 2009.